

Kissinger diz que confia em Figueiredo

O ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger, a quem o presidente da República concedeu na manhã de ontem sua mais longa audiência em São Paulo, afirmou, à saída, que ficou feliz por ter ouvido de Figueiredo que fará do País "uma democracia integral" e que isso deverá ser considerado "um empreendimento histórico". Na sua opinião, o Brasil continua sendo "um País chave para a América Latina, para os países em desenvolvimento e para os países industrializados".

O presidente Figueiredo deixou o Hotel Cad' Oro na manhã de ontem, às 8h05, seguindo para a clínica de Haruo Nishimura, de onde saiu às 10h05, após a sua quarta sessão de fisioterapia. Às 11 horas, recebeu Kissinger na suíte presidencial do hotel, até às 12h45.

"Eu me lembro de que, em 1978, mesmo antes dele se tornar presidente, o seu grande objetivo era levar o Brasil a uma democracia integral" — afirmou Kissinger. "E eu estou feliz em ter ouvido dele, agora, no final do seu governo, a mesma coisa que ele me disse antes de assumir a Presidência. Eu acho que isso será considerado como um empreendimento histórico."

Kissinger, observou que o novo presidente vai ser eleito pelo colégio eleitoral de acordo com as regras estabelecidas nas leis brasileiras. "E estou certo de que esse processo levará a uma completa democratização do País — comentou. Explicou ainda que a maior parte da conversa que teve com o presidente Figueiredo foi sobre assuntos "de política internacional, dívida externa e taxas de juros".

"O presidente expressou sua preocupação diante das altas taxas de juros" — prosseguiu Kissinger. "Eu acho que seria mais apropriado para mim falar desse assunto nos Estados Unidos do que no Brasil. Vai haver negociações, a serem iniciadas em outubro, entre os bancos e o governo brasileiro. E não há dúvida de que o Brasil é um país muito importante, e as negociações serão conduzidas dentro desse espírito". Diante da insistência das perguntas, Kissinger acrescentou: "Os senhores compreenderão que não é apropriado para mim falar sobre as negociações, quando elas não se iniciaram ainda. Além disso, quero deixar claro que não estou em missão oficial, mas como simples cidadão".

Quando alguém lhe perguntou se as negociações não poderiam ser feitas diretamente entre o governo dos Estados Unidos e o governo brasileiro, em vez de serem desenvolvidas entre o governo brasileiro e os bancos americanos, Kissinger retrucou com um sorriso irônico: "O senhor quer que eu cometa suicídio? A posição de nosso governo, no momento, é de que as negociações deverão ser mantidas entre o governo brasileiro e os bancos. E eu não tenho conhecimento de qualquer mudança nessa posição".

Concluindo, falou sobre sua viagem pela América Latina: "Eu acabei de estar na Argentina, que também é, indubitavelmente, um grande país. Mas não há a menor dúvida de que o Brasil é um grande país e que é, realmente, um país-chave para o relacionamento entre os países industrializados e outros países em desenvolvimento".